

PUBLICIDADE

EXCLUSIVO PARA ASSINANTES

'O Estado deve desempenhar um papel maior do que antes da pandemia', diz o economista Branko Milanovic

Estudioso da desigualdade no mundo, autor sérvio observa que a crise sanitária expôs a inaptidão de governos para ajudar as populações mais pobres

Ruan de Sousa Gabriel

03/07/2020 - 04:30 / Atualizado em 03/07/2020 - 11:56



Crianças de uma favela em Nova Délhi, na Índia, fazem fila para receber comida: pandemia aprofundou as desigualdades sociais em todo o mundo Foto: PRAKASH SINGH / AFP

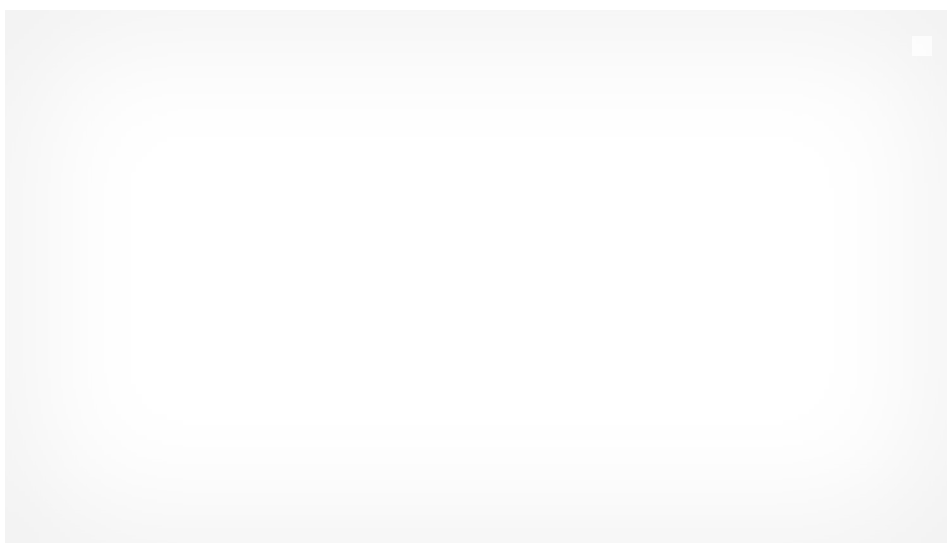
Newsletters

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

SÃO PAULO — Um dos mais respeitados estudiosos da desigualdade e da distribuição de renda em todo mundo, o sérvio Branko Milanović já serviu como economista-chefe do departamento de pesquisa do Banco Mundial e lecionou em diversas universidades europeias. Hoje professor da Universidade da Cidade de Nova York, o economista também é autor de diversos livros, entre eles "Capitalismo sem rivais: o futuro do sistema que domina o mundo", que acaba de ser publicado no Brasil pela Todavia. Nesta entrevista, Milanović diz que, embora a globalização possa ser afetada pela pandemia do coronavírus, as tendências de desenvolvimento do capitalismo tendem a se manter. Também observa que a crise provocada pela doença aumentou as desigualdades sociais, expondo a inaptidão de governos para ajudar as populações mais pobres. O momento, acredita ele, oferece uma oportunidade para a esquerda, “porque é necessário que o Estado desempenhe um papel maior do que antes”.

PUBLICIDADE



Ads by Teads

Pandemia da pobreza: [Desemprego muda perfil da população de rua de Rio e SP](#)

O que aprendemos com a pandemia?

Ainda estamos aprendendo, porque a pandemia ainda não acabou. Aprendemos que a maioria dos países – ricos e pobres – estava despreparada para enfrentar a pandemia. Os Estados Unidos reagiram especialmente mal. Praticamente todos os países asiáticos – os democráticos e os não-democráticos – fizeram um trabalho muito melhor do que os países europeus. Ninguém morreu por coronavírus no Vietnã. Houve pouquíssimas mortes na Tailândia. Taiwan, Japão e Coreia do Sul se saíram muito bem. Devemos nos perguntar se há algo que podemos aprender com os países asiáticos. A pandemia também mostrou e vem mostrando que os sistemas de saúde não estavam preparados para a pandemia após tanta austeridade, falta de investimento e privatização.

Mais entrevistas: ['Bolsonaro é um exibicionista do ódio', diz especialista em extrema direita](#)

Por que os países asiáticos estavam mais preparados?

Difícil saber. Uma das razões talvez seja porque eles tiveram que lidar com a epidemia de Sars (Síndrome Respiratória Aguda Severa), que não afetou muito os países ocidentais. Os governos asiáticos, os que são e os que não são democráticos, tendem a ser mais tecnocráticos e agiram mais rapidamente. A população asiática também confia mais nos governos e está mais disposta a seguir as orientações de isolamento social. Uma população disciplinada ajuda.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Seu novo livro, recém-publicado no Brasil, se chama "Capitalismo sem rivais: o futuro do sistema que domina o mundo". Como a pandemia pode alterar o futuro do sistema que domina o mundo?

Haverá algumas mudanças, mas as principais tendências de desenvolvimento do capitalismo tendem a se manter. A globalização será afetada negativamente pela pandemia. Em parte porque, no momento, não podemos viajar para outros países. Pode haver alteração nas cadeias de valor global, que foram muito importantes para que o capitalismo expandisse seus domínios. Por conta da pandemia e também da guerra comercial entre Estados Unidos e China, haverá um período de reavaliação das vantagens de se produzir no exterior em

vale a pena continuar produzindo no exterior e não em seus próprios países. Produzir no exterior continua sendo mais eficiente quando há uma pandemia, uma guerra comercial ou até mesmo uma guerra de verdade?

Você é um estudioso da desigualdade. A pandemia tornará o mundo ainda mais desigual?

Como a pandemia começou na China há seis meses, já sabemos que ela afetou principalmente os mais pobres e os trabalhadores essenciais, que estão mais expostos à contaminação. Nos EUA, está muito claro como os mais afetados são as pessoas de baixa renda. De fato, um dos efeitos da pandemia é um crescimento da desigualdade, que pode facilmente continuar aumentando nos próximos meses, porque a maioria das pessoas que perdeu o emprego já era menos capacitada e de baixa renda.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Mais pandemia: ['Estamos diante de uma nova grande transformação', diz economista francês sobre impacto da pandemia](#)

A exemplo da Segunda Guerra Mundial, que foi sucedida por um período de prosperidade, diminuição da desigualdade social e aumento da cooperação internacional (ao menos nos países desenvolvidos), esta crise pode resultar na implementação de políticas de combate à desigualdade?

Após a Segunda Guerra Mundial, as elites políticas reagiram de modo a reforçar o papel do Estado e aumentar os impostos dos mais ricos para compensar as perdas das classes mais baixas e da classe média. Foi uma reação política. Ela se repetirá agora? Acredito que a crise vai dar uma oportunidade para a esquerda, porque agora é necessário que o Estado desempenhe um papel maior que antes.

Quais as evidências de que a crise será uma oportunidade para a esquerda? A resposta à crise de 2008 foi a austeridade e acabaram eleitos líderes de direita e extrema-direita.

É muito cedo para enxergarmos evidências políticas. A crise paralisou a política. Nossa preocupação tem sido as reações sanitárias, não exatamente políticas, à crise. Acredito que a esquerda vai ter chance desta vez porque as respostas inadequadas à crise revelaram problemas como sistemas públicos de saúde sucateados e falta de assistência aos pobres. Esses problemas exigem, na minha opinião, uma ação de esquerda, porque foram criados pela ausência do Estado. Por isso, é razoável esperar a implementação de políticas social-democratas, até nos EUA, onde existe a demanda por um sistema público de saúde. Nos próximos anos, os políticos podem resistir a isso. Trump pode ser reeleito. Bolsonaro ainda tem dois anos e meio de mandato. As mudanças podem não ser imediatas, mas haverá pressão. Estou otimista. Não vejo ninguém sendo capaz de dizer que a resposta a esta crise é mais austeridade, quando seus efeitos têm sido tão desastrosos.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Mais entrevistas: [‘Cada tribo enxerga na pandemia a confirmação de suas convicções’, diz fundador dos Médicos Sem Fronteiras](#)

A pandemia alterou a correlação de forças no cenário global?

A pandemia chamou atenção das elites políticas americanas, democratas e republicanos, para a importância cada vez maior da China. É irônico porque a pandemia começou na China, que, no início, reagiu muito mal. Depois, lidou extremamente bem com ela e passou a fornecer equipamentos para o resto do mundo. A economia chinesa provavelmente será menos afetada do que as economias ocidentais. Além disso, a importância da China para a recuperação econômica global é cada vez maior. É a segunda maior economia do mundo. O conflito com os EUA ficou mais óbvio e mais acirrado. A China é cada vez mais tão superpotência quanto os EUA. A percepção geopolítica que o mundo tem da China mudou significativamente.

Se Trump não for reeleito e o democrata Joe Biden for o próximo presidente americano, os EUA conseguirão recuperar sua influência global?

Isso é ilusão. É a mesma ilusão dos que acreditam que tudo o que há de ruim nos EUA é culpa de Trump. Os problemas são muito mais profundos e foram piorados por Trump. Problemas como o achatamento da renda da classe média e a decadência da educação pública e da

dados sobre a diminuição da mobilidade social e o aumento da desigualdade nos EUA desde os anos 1980. Mas é claro que um governo melhor poderia ao menos começar a enfrentar esses problemas.

MAIS LIDAS NO GLOBO**1. Covid-19: Bares reabrem lotados na noite desta quinta-feira; clientes descumprem regras de distanciamento na calçada**

Felipe Grinberg e Louise Queiroga

2. Bolsonaro veta uso obrigatório de máscara em comércio, escolas e templos

Daniel Gullino

3. Leblon ou Havaí? Surfistas encaram ondas perfeitas de até 4m em cartão-postal do Rio

Renato de Alexandrino

4. Bolsonaro diz ter feito 'vários vetos' em lei que obriga o uso de máscaras em todo o país

Gustavo Maia

5. Auxílio emergencial: trabalhador 'dribla' sistema da Caixa e emite boleto no próprio nome para poder sacar dinheiro

Ana Clara Veloso

MAIS DE MUNDO[VER MAIS](#)

Para comentar é necessário ser assinante

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os termos de uso, denuncie. Leia as perguntas mais frequentes para saber o que é impróprio ou ilegal

[PERGUNTAS MAIS FREQUENTES](#) • [TERMOS DE USO](#)**COMENTAR** **COMENTÁRIOS**

CARREGAR MAIS COMENTÁRIOS

